

Ian Nairn (1930-1983)**Tradução: Lorenza Pavesi**

Designer Gráfico formada pela Coventry University (Grã-Bretanha), Rua Madre Saint Bernard 151, Santa Mônica, São Carlos, SP, lore@ukonline.co.uk

Revisão técnica:**Fábio Lopes de Souza Santos**

Arquiteto e urbanista, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, sotosantos@uol.com.br

Miguel Antônio Buzzar

Arquiteto, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, mbuzzar@sc.usp.br

Essa edição é mais uma profecia de destruição do que uma advertência; a profecia de que se permitirmos que aquilo que chamamos de progresso se multiplique no ritmo atual, então no final do século a Grã-Bretanha consistirá de oásis isolados de monumentos preservados em um deserto de fios, estradas de concreto, pracinhas aconchegantes¹ e *bungalows*. Não haverá distinção real entre cidade e campo. Ambos consistirão de um limbo de cabanas, falsas rusticidades, fios e aeródromos, colocados em um campo reflorestado por coníferas: a Inglaterra estilizada por Graham Green na década de 30 expandiu-se desde as estradas arteriais para toda a superfície do país.² A essa nova Grã-Bretanha a REVIEW confere o nome de SUBTOPIA* na esperança que este nome pegue. Seus sintomas (que podem ser profetizados sem mesmo deixar Londres) serão de que o final de Southampton se parecerá com o início de Carlisle; as partes intermediárias se parecerão ou com o final de Carlisle ou com o começo de Southampton³.

Como isso pôde acontecer conosco? A Grã-Bretanha é um país industrial. A Grã-Bretanha tem uma população de cinquenta milhões, comprimida em uma ilha que poderia conter decentemente vinte e

cinco milhões. A Grã-Bretanha está transbordando. A industrialização criou uma maioria urbana de 80%.

Mal entendidos de todos os tipos, comumente aceitos, sobre o significado de democracia – vulgarização do conceito de liberdade – levaram o homem comum a investir contra os princípios de planejamento territorial.

Uma falsa tolerância, da mesma maneira, levou-o a tolerar todo tipo de abuso perpetrado em nome da livre competição e da conveniência pública.

Há muita terra ainda intocada e mais cedo ou mais tarde o gráfico populacional se tornará estável, ou mesmo despencará, e a expansão cessará. Uma falácia. A expansão não depende mais do aumento da população, mas do aumento dos serviços que uma sociedade motorizada pode inventar para si mesma.

Com o rádio e velocidades supersônicas, tendo o tempo e o espaço cessado de operar como fatores limitantes, você consegue infinitas capacidades de expansão.

* Ao traduzirmos os textos de Ian Nairn nos deparamos com muitas surpresas e também alguns obstáculos. O autor, que foi incluído no *Oxford Book of English Prose* e que ganhou a admiração de poetas como Geoffrey Hill, possui uma linguagem rica em expressões coloquiais típicas dos anos 1950 usadas de maneira irônica ou sarcástica. Durante o processo, como acontece frequentemente, descobrimos significados escondidos, metáforas e alegorias que não havíamos detectado numa primeira leitura e que tentamos incluir nas notas. Gostaríamos de agradecer ao historiador e crítico Gavin Stamp pela ajuda em esclarecer alguns dos termos e expressões encontrados nos textos. Os textos a seguir estão na ordem em que aparecem em *Outrage*, a edição especial da *Architectural Review*.

¹ Traduzimos *cozy plots* por “pracinhas aconchegantes”. Nairn usa constantemente neste texto o termo *aconchegante* (*cozy* em inglês), sempre de maneira sarcástica,

refere-se à inserção de elementos na paisagem urbana ou rural que apesar de serem considerados inofensivos geram um efeito falso ou artificial. (N.T.)

² O autor faz referência ao livro *Brighton Rock* (1938) de Graham Green.

³ Carlisle, cidade situada ao norte da Inglaterra na fronteira com a Escócia, Southampton, cidade costeira ao sul da Inglaterra.

⁴ Commuters em inglês. Pessoas que viajam diariamente da própria casa ao lugar de trabalho.

⁵ Ribbon-type development em inglês.

⁶ Municipal Rustic no texto original. Trata-se de um pseudo-rústico.

⁷ É denominada Black Country a área de conurbação ao norte e oeste de Birmingham e ao sul e leste de Wolverhampton nas West Midlands em volta das minas de carvão do Staffordshire.

A cidade hoje é menos algo em expansão do que algo em crescimento, desdobrando-se sobre a superfície terrestre sob forma de expansão suburbana.

No entanto, está em progresso algo ainda mais sinistro: a ciência aplicada está tornando sem sentido a antiga distinção entre vida urbana e vida rural; os habitantes de povoados se tornam viajantes⁴ tanto quanto os da cidade. Aos antigos centros de gravidade foi retirada a capacidade de atração nas duas extremidades e no seu interior; não mais atadas geograficamente, indústrias que haviam se imposto na paisagem urbana estão saindo do caos que elas se ajudaram tanto a criar, e criando um novo caos lá fora.

As estradas arteriais desenvolveram um estilo de vida próprio, com seu próprio tipo de loteamentos em faixa⁵ - mansões rurais, cafés, oficinas mecânicas, hotéis de estrada, acampamentos de trailers - prolongados para o coração do campo já sob domínio da agricultura mecanizada.

Como dissemos, chamamos de Subtopia a esta coisa terrificante, que, quando você se der conta de suas verdadeiras proporções, irá mantê-lo acordado à noite, suando. Ela consiste na suburbanização universal, não simplesmente do campo ou da cidade, mas da cidade e do campo - de toda a superfície terrestre. O subúrbio tornar-se-á utopia e a utopia tornar-se-á subúrbio.

Isso não quer dizer que o subúrbio não tenha lugar no esquema das coisas.

A REVIEW, de tempos em tempos, presenteou seus leitores, para consternação de alguns, com os charmes do *ethos* suburbano. O que não deve ser tolerado é que este *ethos* seja disperso como um *marshmallow* cor-de-rosa gasoso sobre todo o ambiente social, sobre o espírito humano, sobre a superfície da terra, sobre a filosofia, os ideais e objetivos da raça humana; porque é isso que se está fazendo.

E está-se fazendo não só como um fenômeno psicológico, mas como um fenômeno físico e geofísico. Não só na Inglaterra, na Europa, Ásia, África e nas Américas. Sob os olhos de Frank Lloyd-Wright, em seu esconderijo no deserto do Arizona,

estende-se agora uma complexa rede de postes de iluminação.

Nos Pampas, antes, um sinônimo de vasta liberdade da Natureza, áreas do tamanho da Grã-Bretanha são cortadas por cercas de arame retangulares não muito diferentes daquelas que completaram a decadência dos outrora abertos vales e colinas de nosso próprio país.

O mesmo destino está alcançando as terras altas da Escócia. A Austrália ostenta uma cerca de arame de mil milhas de comprimento. A Holanda já é um subúrbio, a Suíça uma estância hidromineral. Bagdá tem bondes. Os Alpes fornecem energia à Itália por meio de seqüências infinitas de torres em todos os passos das montanhas; as Dolomitas são um vasto esquema hidroelétrico. Até nos recantos mais obscuros da África, as pinturas de guerra e os tambores não são nada mais do que atos encenados para companhias de cinema e para *VIPs*.

Olhando em qualquer direção, para o Ocidente ou para o Oriente, qualquer paisagem, não importa o quão sublime, agora é vista por detrás do primeiro plano imposto pelo homem moderno de cartazes, fiação elétrica, postos de gasolina abandonados, estacionamentos, coníferas, institutos para os doentes mentais, obras de cimento, usinas de saneamento, estações de energia, os escombros das guerras e Departamentos Bélicos. Aquilo que nessa edição da REVIEW chamamos de "Coisas no campo" (*Things in Fields*). Tudo isso contribui para a criação de um estilo de vida, no qual as pessoas tem que conviver com objetos que não são nem agrícolas nem urbanos, mas Subtopianos.

Mas, porque não? Haveria algo de errado com o estilo de vida Subtopiano? A função da REVIEW não é filosófica, mas visual; sua tarefa não é atacar o "bucólico municipal"⁶ através das frustrações espirituais de um prefeito da Black Country⁷, nem atacar grades de arame, expondo a pouco gratificante vida de um Diretor do setor de eletricidade. Para os objetivos dessa edição, as afrontas são classificadas em termos visuais e não de desordem psicológica. No entanto, para provar que este método de abordagem avança da superfície para o cerne do problema - e, de fato, ele avança - seriam oportunas algumas palavras para aprofundar a questão.

Lembremos que a Natureza não pode ser ignorada. Existe uma *nemesis* pronta para os que ignoram este simples fato. As raízes da humanidade estão em algo mais básico do que um *kosikot*⁸; os absurdos dos adoradores da Mãe-Natureza não devem ofuscar nem mesmo os homens racionais das limitações da razão. Não se trata de simplesmente afirmar que a natureza humana não pode continuar sustentando-se apenas de tijolos e argamassa. Também não se trata de dizer simplesmente que – independente dos charmes da vida em manada ou da psicologia de massa – latente dentro de todos os corações humanos está o desejo de fuga, mesmo que por uma só estação, do constante atrito com outras mentes. É mais do que isso. O destino da raça humana é pertencer ao universo, mas fora dele, separada em seu ramo da árvore da vida devido à sua especialização e autoconsciência. À necessidade de reintegrar a identidade consciente de si com o universo subconsciente, à necessidade de devolver o ramo ao tronco imortal, de re-identificar o humano com o não-humano, incluindo o animal, o mundo, na forma que Stapledon⁹ chama de “a simplicidade, a severidade, o silêncio e a beleza da Natureza”, é a condição principal da recriação pessoal.

Na linguagem coloquial, cidade e campo são os termos que equivalem a esta distinção entre o mundo auto-consciente do homem e o universo sem autoconsciência da Natureza; um construído pela mão do homem até a última tampa de marmelada, o outro, modificado ou não pelo homem, tende à inconsciência da “Criação”.

Se isto é assim, o corolário, claro o suficiente para sociólogos e planejadores, não deveria ser do homem comum. Sua obrigação em relação ao seu ambiente (mais do que uma obrigação, uma precaução elementar em uma ilha abarrotada) é dupla: de um lado, trazer seu ambiente artificial – a cidade – para o ponto mais alto de vida efetiva, de outro, colocar limites à expansão desta, de modo a permitir o contato com a Natureza – com o “campo”.

Você pode dizer, é claro, que isso não pode ser feito enquanto a pressão exercida pelo crescimento populacional aumentar de maneira tão intensa quanto têm ocorrido, mas isso seria ignorar a paisagem moral do século dezoito, onde toda cidade fez exatamente isso com um parque do tamanho de um lenço.

O que o século dezoito fez individualmente, o século vinte pode e deve fazer coletivamente. Aqui reside o verdadeiro desafio para o planejamento moderno, e não existe muita dúvida sobre qual seria esse desafio. Em todos os lugares onde o engenheiro do distrito parte a cidade com o alargamento de ruas e a Prefeitura oblitera a praça do mercado com um inútil jardim florido, e todos os lugares onde um departamento ou outro despeja um acampamento, um conjunto habitacional, ou uma estação de tratamento de esgoto na indefesa área natural – em todos os lugares estamos nivelando dois extremos ideais (ambos necessários para nossa felicidade) em uma mediocridade uniforme: uma mediocridade que ameaça não somente nossa felicidade, mas nossa continuidade como algo além de uma mera espécie de cupim.

Porque estamos criando esta média entre os dois extremos também é claro. O ambiente é uma extensão do ego e o homem do século vinte está igualmente empenhado em se metamorfosear em um ser médio¹⁰ – um ser medíocre – nem humano, nem divino. E o que ele faz a si mesmo e a seu ambiente é a medida de sua própria mediocridade. Insensível ao significado da civilização, por um lado e por outro ignorante das fontes de seu próprio ser, ele está removendo o lado mais incisivo de sua própria vida, ao trocar sensações individuais por experiências de massa, caindo em uma escravização voluntária, muito mais restritiva e permanente que a do sistema feudal. O homem “médio” está empenhado em destruir o legado do qual ele é o herdeiro, um grande legado, produto de séculos e não um vassalo da psicologia de massa.

As páginas que seguem são o relato de seu progresso, até agora camuflado em Melhoramento, Progresso ou Amenidade¹¹. Repetindo, é o homem escravizado arrastando o ambiente até seu próprio nível.

O maquinário do planejamento está sendo usado para acelerar a Subtopia, não para mantê-la sob controle. A ofensiva do planejamento foi iniciada em uma atmosfera de idealismo que pressupunha duas coisas: que as normas seriam usadas de maneira flexível e inteligente, e que a Inglaterra possuía um tamanho ilimitado. Este único, mas decisivo erro de cálculo deu início a toda uma filosofia de dispersão – cidades dispersas, *New Towns* e toda casa com um jardim -, que é agora o principal ponto de apoio

⁸ *Kosicot* significa berço acolhedor e era provavelmente a marca de um tipo de berço para criança ou possivelmente um nome que o autor inventou para um produto popular produzido em massa.

⁹ Sir George Stapledon (1882-1960). Pioneiro ecologista e engenheiro agrônomo Britânico. Seu ceticismo em relação à ciência indutiva e à economia reducionista, sua visão holística e valores espirituais estava em forte contraste com a visão dos cientistas da época. Sua obra é considerada responsável pela preservação da infra-estrutura social, cultural e econômica na região montanhosa da atual Grã-bretanha.

¹⁰ No trecho: “*twenty-century man is likewise busy metamorphosing himself into a mean – a meany – neither human or divine*”, o autor joga com a ambivalente palavra *mean*, que pode significar médio (no sentido quantitativo, matemático), medíocre (comum, mas também pobre de espírito, em aparência ou em valor) ou ainda egoísta ou interesseiro. “*Meany*”, por sua vez é bem direto: sem caráter, baixo, mesquinho.

¹¹ Na linguagem da indústria imobiliária, *amenities* são os benefícios tangíveis ou intangíveis de uma propriedade, especialmente os que aumentam o valor dessa ou que contribuem para seu conforto e conveniência como por exemplo parques, estacionamentos, portarias, vistas agradáveis etc. Em termos gerais, todos os bens relacionados à qualidade de vida.

¹² O autor se refere às *New Towns*, cidades projetadas sob o *New Towns Act* de 1946 para o grande número de pessoas desabrigadas durante a Guerra. O programa, inspirado no *Garden City Movement* de Howard, Geddes e Unwin, começou a ser criticado em 1953 com J.M. Richards que condena o fracasso social e econômico (bem como a qualidade da arquitetura) do plano com o artigo “*The Failure of New Towns*” publicado na *Architectural Review* seguido por Gordon Cullen com o artigo “*Prairie Planning in the New Towns*”. Em 1955, Alison e Peter Smithson criticam os 40 anos de legislação influenciados pelas *Garden Cities* em “*The Build World: Urban Re-identification*”.

¹³ *Brave New World* (*Admirável Mundo Novo*), romance distópico de Aldous Huxley, publicado em 1932 cujo tema central são desenvolvimentos em tecnologia reprodutiva e engenharia biológica criados para mudar a sociedade. No romance o autor descreve ironicamente uma sociedade sadia e tecnologicamente avançada da qual foram removidas pobreza e guerras e construída através da eliminação de cultura, arte, literatura, ciência e religião e outros atributos considerados cruciais para a identidade da raça humana.

¹⁴ Nairn utiliza a expressão “*rake’s progress*” – “trajetória de um libertino” –, como metáfora para o processo de dissolução das práticas de planejamento. Para o público britânico esta expressão se vincula a uma série de gravuras e pinturas do artista inglês do século XVIII William Hogarth, que representavam vívidas narrativas visuais de forte conteúdo moral.

¹⁵ *Charas*: abreviação coloquial de *charabanc*, ou seja, ônibus de excursão para turistas.

¹⁶ Loch: termo gaélico para lago.

¹⁷ Habitante da alta Escócia.

¹⁸ Abreviação de *Modern Convenience*, expressão usada naquele período para produtos embalados, padronizados e industrializados, provavelmente de qualidade inferior ao produto real, por exemplo enlatados.

da política de planejamento oficial: uma idéia admirável *in vacuo*, e implementada em perfeita boa fé, mas condenada antes de seu começo por nossas dimensões de costa a costa.¹²

Agora, é o rabo que abana o cachorro, o *Brave New World*¹³ foi distorcido para tornar-se a decantação de todo tipo de excessos, uniformemente distribuídos ao longo do país – Subtopia.

Qualquer esperança de interpretação inteligente perdeu-se quando o planejamento foi, passo a passo, atado à administração local e assim transformado em mais outro emprego burocrático pouco gratificante. Isso o acorrentou exatamente às situações em que o mais provável é que a democracia gere o mínimo denominador comum, não o máximo múltiplo comum: a Subtopia corporativa que utiliza, como seu arsenal, todas as normas de planejamento pervertidas para tornar cada quilometro quadrado indistinguível.

Em 1950 a REVIEW traçou essa trajetória de corrupção moral¹⁴, descrevendo tanto o planejado como o não planejado, em algumas de suas manifestações nos Estados Unidos, um trabalho de pesquisa que arrancou aplausos de alguns de seus leitores americanos, mas aumentou de maneira alarmante a pressão sangüínea em outros. Sem necessidade, dado o fato de estarmos todos juntos nisso, primeiro como vítimas e depois, em vários níveis, como transgressores, é a primeira coisa que temos de reconhecer.

Aqui a REVIEW (como prometido na época) direciona sua lanterna sobre esse país. Tentamos jogar limpo. Coletar e escolher áreas especiais de concentração de abusos como Corby seria muito fácil e deixaria o argumento aberto para a acusação de tratamento preferencial.

Para evitar essa acusação colocamos uma régua sobre o mapa da Inglaterra e Escócia e traçamos de baixo para cima uma linha tão reta quanto nos permitiram as estradas –desde Southampton, no sul da Inglaterra, até Carlisle, na fronteira com as terras altas da Escócia (as *Highlands*). Então, seguimos a linha de Southampton até Carlisle em seções de 25 milhas por página, em uma tentativa

de apresentar um “corte” representativo do país – do campo, poder-se-ia afirmar, porque o objetivo foi escolher uma linha que evitasse as grandes conurbações. Uma linha que, de fato, evitou o pior.

Isso mostra, em termos gerais, duas fases do progresso da doença. Na primeira, a Inglaterra da estrada principal, o limbo de cabanas, falso embelezamento, fios elétricos e estações de radares, situados em um infeliz cenário pastoral. Na segunda, nas terras altas da Escócia propriamente ditas, mostra a praga menos avançada e distribuída de maneira mais rarefeita – e ainda mais conspícua, já que as afrontas se apresentam como uma ferida isolada em um cenário que inspira reverência, e não como uma erupção de espinhas em um prado que se lamenta em silêncio. Isso se vincula à tese de que, pelo menos aqui, o homem moderno ainda não esmagou o prévio equilíbrio entre homem e natureza; ainda há tempo, portanto, para tornar as *Highlands* em exemplo de um mundo visualmente mais sadio, e em um pulmão para os 50 milhões nessa ilha – algo muito diferente da indústria de refeições, estâncias hidrominerais, hotéis de beira de estrada e *charas*¹⁵ que alguns gostariam de impor nas terras altas da Escócia.

No entanto, o quão difusa e universal é a atitude irresponsável da totalidade de nossa sociedade é observado claramente tanto no extremo norte quanto no extremo sul; até os remotos *lochs*¹⁶ escoceses estão cercados por uma espuma de latas e botas de borracha que jazem onde foram despejadas para apodrecer pelo orgulhoso *Gael*¹⁷. Como dissemos, estamos todos juntos nisso. Quer se olhe para o norte ou para o sul, vê-se ou os serviços ou os excrementos de Subtopia.

A moral não é a Vida Simples. Um retorno a condições primitivas é almejado por poucos; o objetivo ideal de toda civilização industrial, o que inclui até feijão em lata e mod.con.¹⁸, não é nos transformar em seres primitivos, mas simplificar nossas vidas.

Mas como todo o planejamento científico sustentado, presente em todo processo industrial ou empreendimento comercial, detém-se quando se aproxima da superfície da terra, as vantagens colossais que deveriam estar disponíveis acabam dispersas.

Quanto mais complicado nosso sistema industrial e maior nossa população, maiores e mais verdes deveriam ser nossos campos e mais compactas e ordenadas as nossas cidades. Porque não, se a nossa expansão urbana e tecnologia não planejada foi elevada ao quadrado desde 1900 e nosso potencial, em engenho e técnica para lidar com isso, foi elevada ao cubo? O problema é muito complexo? Nem um

pouco – engenheiros aeronáuticos estão solucionando problemas mais difíceis todos os dias, muitas vezes produzindo resultados visuais benéficos como produtos colaterais. Com certeza podemos produzir um pouco de ordem exercendo todos nossos poderes. A alternativa, da qual apresentamos claramente o presságio nas próximas sessenta páginas, é o abismo.